

IMAGINAÇÃO E GRAFISMO COM EXPRESSÃO – VIVÊNCIAS NO PROJETO MAIS EDUCAÇÃO

YANNE ALVES ROBERTO¹; MARISTANI POLIDORI ZAMPERETTI²

¹Universidade Federal de Pelotas – yanne.alves@gmail.com¹

²Orientadora, Universidade Federal de Pelotas – maristaniz@hotmail.com²

1. INTRODUÇÃO

A arte rupestre sempre foi endereçada aos “artistas” primitivos, pelas representações trabalhadas nas paredes das cavernas, feitas ao ar livre. O grafismo rupestre está eternamente gravado na história e cultura do mundo e até hoje não possui uma tradução concreta. Estes signos e significados são cercados de controvérsias. Desde representações de cenas de caça, rituais, plantas, animais, “hominhos de pau”, além de vários sinais gráficos abstratos, a nós viventes do século XXI. Entretanto, entendemos que de um modo ou outro, o homem sempre conseguiu transformar sua forma de expressão em uma linguagem visual, cheios de símbolos e conceitos, que variam de valores internos e externos pelo seu modo de vida: agir, pensar, andar, comer, dormir, sentir, chorar, correr, etc., ações e não ações registradas através de sinais gráficos, transmitidos pelos sentimentos. Podemos perceber ao longo dos séculos o quanto estes “primitivos” desenvolveram o modo realístico desta linguagem. O homem sempre cria ou se adapta aos fazeres produtivo. Não entendemos de fato ou mesmo, totalmente, como somos influenciados ao fazer ou interpretar a arte; dizemos então que tudo isso faz parte da magia que ela pode nos proporcionar. O encantamento se valoriza no momento em que trabalhamos a arte como forma de expressão.

O desenho é um meio de manifestação/comunicação, uma linguagem fundamental ao ser humano em todos os tempos, o principal porto-seguro nas artes visuais. Mas nem todas as pessoas conseguem ultrapassar esta fase. O processo criativo tem o intuito de expressar as emoções e pensamentos através da liberdade de imaginação. Cabe ao educador entender esta relação de sensibilidade ao universo gráfico infantil que o sistema escolar por vezes bloqueia, desestimulando o prazer do fazer da criança, pois não existe uma técnica específica para desenhar. Desenho é uma marca, uma escritura pessoal, cada criança tem a sua própria forma de se expressar.

Além do conhecimento de si mesma, que a criança tem ao desenhar, ganha compreensão do mundo. Ela desenha porque existe desenho no mundo. Aprende a ver e a executar o que vê. Tende a assimilar níveis de conhecimento e produção artística e estética cada vez mais complexa, agindo sobre os objetos de conhecimento (desenhos) de diversas culturas, tempos e lugares (IAVELBERG, 2006, p. 24).

¹ Graduanda em Artes Visuais – Licenciatura.

² Doutora em Educação, Professora no Centro de Artes na Área de Fundamentos da Educação em Artes Visuais. Professora Orientadora no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, UFPel.

Este projeto de pesquisa veio ao encontro das reflexões proporcionadas pela disciplina de Artes Visuais na Educação I – Pré-Estágio, ministrada pela professora Maristani Zamperetti e oferecida pelo curso de Artes Visuais – Licenciatura. Esta disciplina tem como objetivo conhecer o processo do grafismo no período infantil, buscando da mesma forma, entender as manifestações expressivas do desenho cultivado ao longo da vida escolar. Para tanto, promove-se uma pesquisa com o grafismo infantil através destas vivências práticas. O início do contato de pesquisa parte de atividades no âmbito artístico proposto na própria disciplina durante o semestre, utilizando-se de várias teorias dos estudos de arte/educadoras brasileiras como Derdyk (1989) e Iavelberg (2006) e estudiosos estrangeiros (MÈREDIEU, 1979; LOWENFELD; BRITAIN, 1961; READ, 2013). Assim, compreende-se melhor o desenvolvimento da criatividade da criança como também os processos de criação, por meio das expressões artísticas experimentadas pelo desenho, pintura, pelos traços abstratos e cores. Somos todos seres criativos, cabendo ao educador trabalhar a importância da autonomia, da imaginação e da expressão através dos elementos e princípios da linguagem visual.

2. METODOLOGIA

Este trabalho descreve as atividades artísticas realizadas na Escola Estadual de Ensino Fundamental Doutor José Brusque Filho, localizado no centro da cidade de Pelotas. Ocorreu durante a disciplina de Artes, no Ensino Fundamental, trabalhadas pelo Programa Mais Educação, ofertado às escolas públicas pelo governo federal. Este programa visa auxiliar no desenvolvimento das atividades de educação e também fazer parte da jornada diária na escola, normalmente em período integral ou aos fins de semana, com ações pedagógicas, ampliando para novas fontes de aprendizagens.

Os alunos trabalham coletivamente, sem distinções de gênero, com vários recursos didático-pedagógicos em um espaço cedido pela escola, própria das artes em função do Mais Educação. Entretanto, mesmo assim, não atende a demanda de todas as aprendizagens pela arte, revelando-se ineficiente em alguns aspectos.

Os encontros pelo Programa são semanais, alguns são duas vezes na mesma semana, isto depende dos horários que a escola oferece a disciplina específica das Artes Visuais. A duração é frequentemente condicionada a dois turnos de quarenta minutos cada encontro. No primeiro semestre de 2015, foram pensadas aulas com o intuito de discutir as formas de expressão artísticas. Optou-se por trabalhar aspectos de sua imaginação através do desenho livre.

O público destas aulas era constituído de quinze a vinte alunos de idades semelhantes, entre sete a dez anos. Como ainda não possuíam o conceito figurativo, foi desenvolvido um tema livre com materiais que se encontram disponibilizados pela própria escola, utilizando como suporte o papel ofício em tamanho A4.

Algumas crianças escolheram coisas que pareciam ser fáceis de representar e ao mesmo tempo, que expressavam vivacidade; e na primeira tentativa, buscaram canetas hidrográficas, pois estas eram mais próximas do seu cotidiano, do mundo real. Desta forma, ficavam assim, presos às linhas finas, não tendo resultados diversificados no tocante à representação linear. São narrativas subjetivas de suas vivências externas, fora da escola, remetendo ao período de diversão e lazer. Após, foi proposta uma vivência experimental utilizando a tinta guache.

As imagens representativas brotaram nas obras individuais produzidas pelas crianças. Surgiram linhas não paralelas, pontos, curvas e até desenhos representativos como sol, casas, nuvens, pássaros e aranhas (Fig. 1).



Figura 1 – Grafismo infantil com pintura em tinta guache

Os alunos pareciam condicionados à necessidade de nomear suas obras, como se também fizessem parte daquela história. As cores também fazem parte de um diálogo da natureza real se encontrando nas formas desenhadas no papel.

No momento de fluidez do grafismo, alguns trocaram o pincel pelos dedos, até chegar na mistura de cores utilizando a mão como suporte. Refletindo sobre o uso de cores, tornou-se uma aula totalmente abstrata, sem linhas, sem figuras, apenas o livre fazer, resultando em uma grande mistura de gama de cores (Fig. 2). No final, o desenho estava sendo explorado além do papel, algumas crianças aplicaram texturas por meio de massas de modelar.



Figura 2 – Gama de cores realizada com as mãos

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

É muito importante criar várias situações de observações e diálogos de interação do mundo interno com o externo da criança. Estimulando o olhar investigativo, por meio de experimentações individuais e coletivas com diversos materiais é possível desenvolver um trabalho de ordem subjetiva e afetiva. Expressar sentimentos oralmente tornou-se mais difícil, pelo reduzido vocabulário de expressão verificado nas crianças, porém entendemos ser possível desenvolvê-lo no decorrer do trabalho.

O papel, o lápis e os demais materiais artísticos podem ser os mediadores destes registros imagéticos, não interrompendo este caminho expressivo entre o fazer e o pensar. O conhecimento de diversos materiais como papel sulfite, cartolinas, papel manilha, lápis de cor, lápis cera, giz colorido, canetas hidrográficas, giz pastel, lápis aquarelados, entre outros, é um direito que toda criança deve ter, o que poderia ser assegurado pelo estado como forma de garantir-lhe uma educação de qualidade. Portanto, cabe ao educador, revelar outros meios de comunicação e expressão por meio destes materiais.

Nesse sentido, IAVELBERG (2006) aponta que na escola renovada o desenho era compreendido como atividade expressiva, livre e natural das infâncias, que utilizava a exploração livre de materiais e técnicas com foco no processo, sem priorizar o produto final. Hoje, pensamos o campo da arte/educação como uma área de conhecimento, e enxergamos a criança como um ser ativo com seus interesses e necessidades, expandindo seu mundo em direção à cultura mais ampla, sem perder de vista suas necessidades e poética própria. Estas duas formas de pensar podem ser unidas, o moderno e o contemporâneo, em prol de uma arte/educação humanizadora.

4. CONCLUSÕES

Percebeu-se que o trabalho idealizado na disciplina de Artes Visuais na Educação I para ser desenvolvido no Projeto Mais Educação acabou tomando novos rumos, divergindo do planejamento inicial proposto, que era a realização de desenhos livres utilizando a imaginação. Porém, após conversando com a professora orientadora da pesquisa, percebemos que não ocorrera propriamente uma divergência, mas talvez uma sobreposição de intenções ou ideias. O que se entende, é que as crianças estavam acostumadas e talvez sejam frequentemente, encorajadas a se expressarem de forma figurativa, e assim, necessitem realizar grafismos que se assemelhem à formas que possam ser facilmente reconhecíveis, o que não caracteriza, a princípio, um problema. Isto pode ser logo verificado, na medida em que, foi oferecido uma diversidade maior de materiais, e estes proporcionaram uma liberdade de expressão, provocando um certo desapego das formas reconhecíveis, e produzindo outras formas, texturas, cores e planos.

Após algumas aulas, foram feitas garatujas que utilizaram a pintura como meio de expressão. Assim, surgiram formas abstratas com diversas cores misturadas e muita criatividade; o livre fazer artístico apareceu na sala de aula. A liberdade para imaginar rendeu alguns desenhos que ultrapassaram a representação básica de signos figurativos.

Não podemos esquecer que o desenho é autoexpressão, é ativador de sensibilidade estética e social. O ato de desenhar, não é apenas mais uma disciplina em sala de aula, também é uma forma de brincar, divertir, imaginar e representar. Quando as crianças percebem sua espontaneidade, é inovador, tanto para elas, quanto para o professor de Artes Visuais que trabalha intensamente como mediador entre mundos [des]conhecidos, reais ou imaginários.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. São Paulo, Scipione, 1989.

IAVELBERG, Rosa. **O desenho cultivado da criança. Prática e Formação de educadores**. Porto Alegre: Zouk, 2006.

LOWENFELD, Victor; BRITAIN, W. Lambert. **Desarrollo de la capacidad creadora**. Buenos Aires, Kapelusz, 1961. V.1 e 2.

MÈREDIEU, Florence de. **O Desenho Infantil**. São Paulo: Cultrix, 1979.

READ, Herbert. **A educação pela arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.